

CAPÍTULO UM

Há dez minutos que a Natalie torce e retorce a mesma madeixa de cabelo e isso está a dar comigo em doida. Abano a cabeça e puxo o meu *latte* gelado para mim, pousando os lábios estrategicamente na palhinha. A Natalie está sentada à minha frente, com os cotovelos apoiados na mesinha redonda e com uma mão no queixo.

— Ele é espetacular — declara, indicando o homem que acabou de se juntar à fila. — A sério, Cam, importas-te de *olhar* para ele?

Reviro os olhos e bebo outro gole do *latte*.

— Nat — digo, pousando novamente a bebida na mesa —, tu tens um namorado. Preciso de te recordar constantemente esse facto?

Ela endereça-me um sorriso trocista e graceja:

— Quem és tu, a minha mãe? — Mas não consegue manter os olhos em mim durante muito tempo, não com aquela muralha ambulante de sensualidade parada diante da caixa a pedir café e *scones*. — Além disso, o Damon não se importa que eu olhe; desde que me dobre em duas para *ele* todas as noites, tudo vai bem.

Exalo um jato de ar e coro.

— Estás a ver! Ah, ah, consegui arrancar-te uma gargalhada! — exclama ela com um sorriso de orelha a orelha. Enfia a mão na sua minúscula mala roxa. — Tenho de tomar nota disso — anuncia, puxando do telemóvel e abrindo o bloco de notas digital. — Sábado. Quinze de junho. — Desloca o dedo sobre o ecrã. — Uma e cinquenta e quatro da tarde; a Camryn Bennett riu-se de uma das minhas piadas sexuais.

Depois encafua o telefone de novo na mala e fita-me com o olhar pensativo que ostenta sempre que se prepara para entrar no seu modo de terapia.

— Olha só uma vez — pede, já sem o menor tom de brincadeira.

Só para lhe fazer a vontade, inclino cuidadosamente o queixo de modo a captar uma visão rápida do bonitão. Ele afasta-se da caixa e dirige-se para a extremidade do balcão, onde pega na bebida fazendo deslizar o copo. Alto. Malares perfeitamente esculpidos. Olhos verdes exemplares, impressionantes, e cabelo castanho espetado.

— Sim — reconheço, encarando novamente a minha amiga —, é giro. E depois?

A Natalie tem de o seguir com os olhos, enquanto ele transpõe as portas de vidro duplas e desliza diante das janelas do café, antes de conseguir virar-se para mim e reagir.

— Oh. Meu. Deus. — exclama, com os olhos muito abertos e transbordantes de incredulidade.

— É só um tipo, Nat. — Pouso outra vez os lábios na palhinha. — Palavra que até podias usar um sinal a dizer «obcecada» colado na testa. Só te falta babares-te.

— Estás a *gozar* comigo? — A sua expressão transformou-se em puro choque. — Camryn, tu tens um problema grave. Sabes disso, certo? — Recosta-se na cadeira. — Tens de aumentar a tua medicação. A sério.

— Deixei de a tomar em abril.

— O quê? *Porquê?*

— Porque é ridículo — replico num tom pragmático. — Não tenho tendências suicidas, portanto não há qualquer razão para a tomar.

Ela abana a cabeça e cruza os braços sobre o peito.

— Achas que só prescrevem aqueles medicamentos para pessoas com tendências suicidas? Não. Não é assim. — Espeta o dedo na minha direção, depois esconde-o de novo na dobra do braço. — É uma questão de desequilíbrio químico, ou outra merda do género.

Esboço um sorriso irónico:

— Ah, sim? Desde quando te tornaste uma especialista em questões de saúde mental e nos medicamentos usados para tratar as várias centenas de diagnósticos existentes? — Archeio ligeiramente

as sobrelhas, apenas o suficiente para lhe mostrar que sei muito bem que ela não faz a mínima ideia do que está a falar.

Ela torce o nariz em vez de me responder. Digo-lhe:

— Curar-me-ei naturalmente a seu tempo e não preciso de comprimidos para me consertarem. — A minha explicação começara por ser amável, mas adquiriu um inesperado tom amargo antes de eu terminar a última frase. Isso acontece muito.

A Natalie suspira e o sorriso desvanece-se completamente do seu rosto.

— Desculpa — peço, sentindo-me mal por ter perdido a paciência com ela. — Ouve, sei que tens razão. Não posso negar que tenho alguns problemas emocionais e que, às vezes, me porto como uma cabra...

— *Às vezes?* — resmunga ela em voz muito baixa, mas o seu sorriso regressou. Já me perdoou.

Isso também acontece muito.

Esboço um meio sorriso:

— Só quero encontrar respostas por mim própria, percebes?

— Encontrar *que* respostas? — Está irritada comigo. — Cam — prossegue, espetando a cabeça para o lado de maneira a parecer pensativa —, detesto dizer isto, mas as merdas acontecem mesmo. É preciso ultrapassá-las. Dar-lhes uma tarefa de morte, fazendo coisas que nos deem felicidade.

Pronto, talvez ela não seja assim tão má nessa história da terapia.

— Bem sei, tens razão, mas...

A Natalie arqueia as sobrelhas, à espera.

— O quê? Vá, despeja o saco!

Olho brevemente para a parede, pensando no assunto. Sento-me tantas vezes a refletir acerca da vida e a especular sobre todas as suas facetas. Pergunto-me o que raio estou a fazer aqui. Agora mesmo, neste instante. Neste café, com aquela rapariga que conheço praticamente de toda a vida. Ontem pensei acerca do motivo por que teria necessidade de me levantar precisamente à mesma hora da véspera e repetir tudo tal e qual como na véspera. Porquê? O que leva qualquer de nós a fazer as coisas que fazemos, quando, no fundo, uma parte de nós não quer senão libertar-se de tudo isso?

Desvio o olhar da parede e fixo-o na minha melhor amiga. Sei que ela não vai compreender o que me preparo para lhe dizer, mas, como preciso de desabafar, digo-o na mesma:

— Alguma vez imaginaste como seria viajar pelo mundo fora de mochila às costas?

As feições dela descaem:

— Hum, não — replica. — Era capaz de ser... horrível.

— Bem, pensa nisso por um segundo — insisto, apoiando-me à mesa e concentrando toda a minha atenção nela. — Só tu e uma mochila com as coisas indispensáveis. Nada de contas. Nada de te levatares à mesma hora todas as manhãs, para ires para um emprego que detestas. Só tu e o mundo aberto à tua frente. Sem nunca saberes o que o dia seguinte poderá trazer, quem irás encontrar, o que irás almoçar ou onde dormirás. — Dou-me conta de que me perdi de tal modo na minha evocação que, por um momento, talvez também parecesse um pouco obcecada.

— Estás a assustar-me — declara a Natalie, observando-me do outro lado da pequena mesa com uma expressão insegura. As sobrançelas arqueadas baixam de novo e ela acrescenta: — Também há as caminhadas, o risco de ser violada, assassinada e atirada para a berma de uma estrada qualquer. Oh, e há as caminhadas...

É evidente que acha que estou maluca.

— A que propósito vem tudo isso? — pergunta, dando um gole na sua bebida. — Parece uma crise de meia-idade, mas tu só tens vinte anos. — Espeta o dedo, como para sublinhar as suas palavras. — E nunca deves ter pago uma conta na tua vida inteira.

Bebe outro gole, seguido por um horroroso barulho gorgolejante.

— Talvez não — reconheço, pensando para comigo — mas *pagarei* quando for viver contigo.

— Isso é bem verdade — replica ela, tamborilando com as pontas dos dedos no copo. — Tudo a medias. Espera, não estás a dar-me com os pés, pois não? — Imobiliza-se, observando-me com uma expressão desconfiada.

— Não, continuo interessada. Na semana que vem, saio de casa da minha mãe e vou viver com uma prostituta.

— Sua cabra! — ri ela.

Esboço novo sorriso e remeto-me outra vez para os meus pensamentos, aquelas coisas que para ela não significavam nada, como eu calculava. Mesmo antes da morte do Ian, já eu pensava mais ou menos fora das normas. Em vez de andar por aí a sonhar com novas posições para o sexo, como a Natalie costuma fazer relativamente ao Damon, seu namorado há cinco anos, eu sonho com coisas realmente importantes. Pelo menos no meu mundo são importantes. Como será sentir o ar de outros países na minha pele, como será o cheiro do oceano, por que motivo o ruído da chuva me faz arquejar. «*És uma miúda profunda.*» Foi o que o Damon me disse em mais do que uma ocasião.

— Bolas! — exclamou a Natalie. — És um raio de uma desmancha-prazeres, sabias? — Abana a cabeça, com a palhinha entre os lábios.

— Anda daí — diz subitamente, levantando-se da mesa. — Não aguento mais esta treta filosófica e dá a impressão de que lugarzinhos pitorescos como este só te põem pior; vamos ao Underground esta noite.

— O quê? Não, não vou a esse sítio.

— Vais. Sim. Senhora. — Atira o copo vazio para o caixote do lixo, a um ou dois metros de distância, e agarra-me no pulso. — Desta vez vais comigo, porque passas por ser a minha melhor amiga e não vou aceitar um não como resposta *outra vez*. — O seu sorriso rasgado espalha-se por todo o seu rosto ligeiramente bronzeado.

Sei que ela está a falar a sério. Está sempre a falar muito a sério quando tem aquela expressão nos olhos: uma expressão transbordante de entusiasmo e determinação. Provavelmente, é mais fácil ceder e arrumar o assunto de uma vez por todas, caso contrário ela nunca mais me deixará em paz. São os males necessários que resultam de ter uma melhor amiga mandona.

Ponho-me em pé e suspendo a mala do ombro.

— São só duas da tarde — observo.

Emborco o resto do meu *latte* e atiro o copo vazio para o mesmo caixote do lixo.

— Sim, mas primeiro temos de te arranjar roupa nova.

— Hum, não — respondo resolutamente, enquanto ela me arrasta pelas portas de vidro para a leve brisa de verão. — Ir ao

Underground contigo já é boa ação suficiente. Recuso-me a ir às compras. Tenho roupa com fatura.

A Natalie enfia o braço no meu. Caminhamos pelo passeio, passando por uma longa fila de parcometros. Ela sorri e lança-me um olhar rápido.

— Muito bem. Então, pelo menos, vais deixar-me vestir-te com qualquer coisa do *meu* armário.

— Que tem o meu guarda-roupa de errado?

Ela comprime os lábios e espeta o queixo, como quem se interroga por que motivo eu fiz sequer uma pergunta tão ridícula.

— É o Underground — replica, como se não pudesse haver resposta mais óbvia.

Está bem, ela tem uma certa razão. A Natalie e eu podemos ser melhores amigas, mas trata-se de uma espécie de atração entre opostos. Ela é uma miúda toda *rocker*, com um fraquinho por Jared Leto desde *Clube de Combate*. Eu sou uma rapariga mais descontraída, que raramente veste roupas escuras, a menos que vá a um funeral. Não que a Natalie se vista toda de preto e use um penteado *emo*, mas nem morta vestiria fosse o que fosse do *meu* guarda-fatos, pois entende que é tudo demasiado simples. Eu discordo. Sei vestir-me e os homens — no tempo em que eu prestava atenção à maneira como olhavam para o meu traseiro quando vestia as minhas calças de ganga favoritas — nunca tiveram objeções às roupas que eu optava por usar.

Mas o Underground destina-se a gente como a Natalie, portanto suponho que terei de me sujeitar a vestir como ela por uma noite, só para me integrar. Não sou uma seguidora, nunca fui, mas estou perfeitamente disposta a transformar-me em alguém que não sou por algumas horas, se isso permitir confundir-me com a multidão em vez de dar nas vistas como um murro nos olhos.

O quarto da Natalie é o perfeito oposto de uma arrumação obsessiva-compulsiva. Isso é outro ponto em que ela e eu somos completamente diferentes. Eu penduro as minhas roupas ordenadas por cores. Ela deixa as suas no cesto aos pés da cama semanas a fio, até as mandar todas outra vez para lavar, por causa dos vincos. Eu limpo o pó do meu quarto todos os dias. Creio que ela nunca

limpou o dela, a menos que se considere que sacudir os cinco centímetros de pó acumulado no teclado do seu computador é limpar.

— Isto vai ficar-te lindamente — declara ela, exibindo uma blusa branca fina, de meia manga, com *Scars on Broadway* estampado no peito. — É justa e as tuas mamas são perfeitas. — Segura a blusa contra o meu peito e examina a minha aparência.

Rosno-lhe, nada satisfeita com a sua primeira escolha.

Ela revira os olhos e deixa descair os ombros.

— Está bem — replica, atirando a blusa para cima da cama. Enfia a mão no roupeiro e tira outra blusa, exibindo-a com um grande sorriso que é uma das suas táticas de manipulação. Sorrisos rasgados equivalem a fazer com que eu não queira estragar os seus esforços.

— E que tal uma coisa que não tenha o nome de uma banda estampado na frente? — sugiro.

— É o Brandon Boyd — argumenta ela, arregalando os olhos. — Como é possível que não gostes do Brandon Boyd?

— Não é mau — respondo. — Só não me apetece andar a fazer-lhe publicidade em cima do meu peito.

— Eu gostaria de o ter a *ele* em cima do meu peito — diz ela, admirando o *top* justo, de decote em V, que tem um corte muito semelhante ao primeiro que tentou propor-me.

— Pois bem, então veste *tu* isso.

Ela fita-me e acena, como se estivesse a ponderar a ideia.

— Sou bem capaz. — Despe o *top* que trazia e atira-o para o cesto da roupa suja, ao lado do roupeiro, depois puxa o rosto de Brandon Boyd sobre os seus enormes seios.

— Fica-te bem — comento, vendo-a ajustar a roupa e admirar o seu aspeto no espelho, de vários ângulos.

— Não tenhas dúvidas — declara ela.

— Como irá o Jared Leto sentir-se com isso? — gracejo.

A Natalie lança uma gargalhada, atira o cabelo escuro e comprido para trás e pega na escova.

— Ele será sempre o meu número um.

— E quanto ao Damon, sabes, o teu namorado não imaginário?

— Para com isso — diz ela, fitando-me através do reflexo no espelho. — Se continuas a fritar-me o juízo com o Damon, como

costumas... — Interrompe o movimento da escova no seu cabelo e roda pela cintura para me encarar. — Tens um fraquinho pelo Damon, ou coisa do género?

A minha cabeça volta-se rapidamente para trás. Sinto as sobrancelhas franzir-se sobre o meu nariz.

— Não, Nat! Que diabo...?

Ela ri e recomeça a escovar o cabelo.

— Esta noite vamos arranjar-te um homem. É o que tu precisas. Resolverá tudo.

O meu silêncio diz-lhe imediatamente que foi demasiado longe. Detesto que ela faça aquilo. Porque tem toda a gente de andar com alguém? É uma ilusão estúpida e uma maneira de pensar verdadeiramente patética.

Ela repõe a escova na cómoda e vira-se completamente para mim. A expressão brincalhona desvanece-se do seu rosto e ela solta um suspiro profundo.

— Bem sei que não devia dizer isto. Ouve, juro que não vou tentar armar em casamenteira, está bem? — Levanta ambas as mãos em sinal de rendição.

— Acredito em ti — respondo, cedendo à sua sinceridade. Claro que sei que uma promessa nunca a impede completamente de fazer o que quer. Talvez não tente emparelhar-me diretamente com alguém, contudo só precisa de bater aquelas suas pestanas escuras ao Damon, indicando qualquer homem presente, e o Damon saberá logo o que ela quer que ele faça.

Mas eu não preciso da ajuda deles. Não quero emparelhar com *ninguém*.

— Oh! — exclama a Natalie, com a cabeça metida no roupeiro. — Este *top* é perfeito! — Vira-se segurando um *top* preto de corte solto, sem ombros. À frente tem estampada a palavra SINNER¹.

— Comprei-o na Hot Topic — acrescenta, tirando-o do cabide.

Visto que não tenho qualquer desejo de prolongar aquela sessão de escolha de blusas por mais tempo, dispo a camisa que trago vestida e tiro-lhe o *top* das mãos.

¹ Pecador(a). (NT)

— Sutiã preto. Boa escolha — aprova ela.

Visto o *top* e observo-me no espelho.

— Sim? Diz — insiste ela, aproximando-se com um grande sorriso no rosto. — Gostas, não gostas?

Esboço também um sorriso e examino a forma como a bainha do *top* mal me chega às ancas.

Então reparo que diz SAINT² nas costas.

— Está bem — reconheço. — Gosto. — Viro-me e aponto-lhe um dedo severo. — Mas não tanto que vá começar a assaltar o teu guarda-fatos, portanto não te enchas de esperança. Contento-me com as minhas amorosas blusinhas de abotoar, muito obrigada.

— Nunca disse que as tuas roupas não eram amorosas, Cam. — Ela sorri, estende a mão e faz saltar o elástico do meu sutiã contra as minhas costas. — Tens um aspeto muito *sexy* no dia a dia, miúda. Atirava-me a ti sem hesitar, se não estivesse com o Damon.

Fico boquiaberta.

— És completamente tarada, Nat!

— Eu sei — responde ela. Viro-me de novo para o espelho, ouvindo o sorriso endiabrado na sua voz. — Mas é verdade. Já to tinha dito e não estava a brincar.

Abano a cabeça, sorrindo, e pego na escova de cabelo que está em cima da cómoda. A Natalie já teve uma namorada, durante um breve período de rutura com o Damon. Mas alegou que era «demasiado doida por pau» (palavras suas, não minhas) para poder passar a vida com uma rapariga. A Natalie não é uma pega a sério — aliás, partiria a cara a quem quer que se atrevesse a chamar-lhe tal coisa — mas é a ninfomaníaca dos sonhos de qualquer namorado, disso não restam dúvidas.

— Agora deixa-me maquilhar-te — diz ela, aproximando-se do toucador comigo.

— Não!

Ela apoia as mãos nas suas ancas em forma de ampulheta e encara-me de olhos muito abertos, como se fosse minha mãe e eu tivesse acabado de lhe faltar ao respeito.

² Santo(a). (NT)

— Queres que seja doloroso? — pergunta, fazendo-me uma carranca.

Cedo e deixo-me cair na cadeira do toucador.

— Como queiras — respondo, erguendo o queixo para lhe facultar livre acesso ao meu rosto, que acabou de se transformar numa tela em branco para ela. — Mas nada de me fazeres olhos de guaxinim, está bem?

Ela segura-me vigorosamente o queixo na mão.

— Agora cala-te — ordena, mal esboçando um sorriso e tentando assumir uma atitude muito séria. — Uma *artiiiiiste* — prossegue, com uma acentuação teatral e um floreado da mão livre — precisa de silêncio para trabalhar! Que julgaz que isto é, um *salon* de beleza de Detroit?

Quando me dá por pronta, estou igualzinha a ela. Tirando os seios gigantescos e o cabelo castanho sedoso. O meu cabelo tem o tom de louro pelo qual algumas raparigas pagam fortunas em cabeleireiros e cai-me até ao meio das costas. Reconheço que tive sorte no que diz respeito a um cabelo perfeito. A Natalie disse que o meu cabelo ficaria melhor se eu o usasse solto e obedeci-lhe. Não tinha alternativa: ela era muito intimidante...

E, se é verdade que ela não me fez parecer um guaxinim, não é menos verdade que não foi propriamente económica na maquilhagem.

— Olhos escuros com cabelos louros — declarou enquanto ia aplicando rímel espesso e preto nas minhas pestanas. — É do mais *sexy* que há.

Ao que parecia, as minhas sandálias abertas nos dedos não serviam, pois ela obrigou-me a descalçá-las e a usar um dos seus pares de botas de saltos altos e biqueiras pontiagudas, cujo cano se ajustava perfeitamente às pernas estreitas das minhas calças de ganga.

— És *sexy* como o caraças — declara, examinando-me da cabeça aos pés.

— E tu deves-me um grande favor à conta disto — retruco.

— Hã? *Eu* é que *te* devo um favor? — Põe a cabeça de lado. — Não, querida, não me parece. Tu é que vais ficar a dever-me, porque vais divertir-te à grande e ainda hás de implorar que te leve lá mais vezes.

Dirijo-lhe um sorriso escarninho brincalhão, com os braços cruzados e a anca espetada.

— Duvido muito. Mas dou-te o benefício da dúvida e espero divertir-me, pelo menos.

— Ótimo — respondeu ela, enfiando as suas botas. — Agora toca a andar; o Damon está à nossa espera.

CAPÍTULO DOIS

Chegamos ao Underground mesmo ao cair da noite, mas não sem antes termos passado por várias casas na carrinha toda artilhada do Damon. Ele parava na via de acesso, apeava-se e não entrava por mais do que três ou quatro minutos. Quando saía, não dizia uma palavra. Pelo menos, não acerca do que lá fora fazer, ou de com quem falara — o tipo de conversa que tornaria aquelas visitas normais. Mas não há muito de vulgar ou normal no Damon. Adoro-o, já o conheço há quase tanto tempo como a Natalie, mas nunca fui capaz de aceitar os seus hábitos de tráfico e consumo de droga. Cultiva grandes quantidades de erva na sua cave, mas não a fuma. De facto, ninguém além de mim e de alguns dos seus amigos mais chegados suspeitaria que um giraço como o Damon Winters pudesse ser cultivador, pois a maior parte dos cultivadores tem ar de lixo branco e exhibe penteados que parecem ter ficado parados no tempo, algures entre os anos setenta e noventa. O Damon não tem nada de lixo branco; podia muito bem ser o irmão mais novo de Alex Pettyfer. E diz que a erva não é o seu estilo. De facto, a sua droga de eleição é a cocaína e ele só cultiva e vende erva para financiar o seu consumo de coca.

A Natalie finge que aquilo que o Damon faz é perfeitamente inofensivo. Sabe que ele não fuma erva e diz que a erva não faz assim tanto mal e que, se os outros querem fumá-la para descontraír e relaxar, não vê nada de errado no facto de o Damon os ajudar a fazê-lo.

No entanto, recusa-se a acreditar que a cocaína tenha mais intimidade com o rosto dele do que qualquer parte do corpo dela.

— Muito bem, vais divertir-te, certo? — A Natalie fecha a minha porta com as nádegas, depois de eu me apear do banco traseiro do carro, e fita-me com uma expressão desesperada: — Não resistas e *tenta* divertir-te.

Reviro os olhos.

— Nat, eu nunca *tentaria* deliberadamente detestar isto. *Tenho* vontade de me divertir.

O Damon contorna a carrinha para junto de nós e abraça-nos a ambas pela cintura:

— Tenho a sorte de entrar com duas brasas nos braços.

A Natalie dá-lhe uma cotovelada, fingindo-se ressentida:

— Cala-te, querido. Vais fazer-me ciúmes. — Ainda não acabou de falar e já exhibe um sorriso endiabrado.

O Damon deixa deslizar a mão da cintura dela e dá-lhe um apalpão na nádega. Ela emite um gemido enjoativo e estica-se em bicos de pés para o beijar. Apetece-me dizer-lhes que arranjem um quarto, mas seria perder o meu latim.

O Underground é o sítio mais concorrido da Carolina do Norte, mas não consta da lista telefónica. Só gente como nós sabe da sua existência. Um tipo chamado Rob arrendou um armazém abandonado, há dois anos, e gastou cerca de um milhão de dólares do seu paizinho rico a convertê-lo num clube noturno secreto. Já lá vão dois anos e continua em força; transformou-se num sítio onde os deuses do sexo do *rock* local podem viver o sonho do *rock n'roll*, rodeados de fãs e *groupies* histéricas. Mas não é um estabelecimento sem classe. Visto de fora, talvez pareça um edifício abandonado numa espécie de cidade fantasma, mas o interior é igual a qualquer clube de *rock* de primeira categoria, com luzes estroboscópicas coloridas a varrer continuamente o espaço, empregadas com trajes provocantes e um palco grande o bastante para ter duas bandas a tocar ao mesmo tempo.

Para manter o segredo do Underground, todos os frequentadores têm de estacionar noutra zona da cidade e ir a pé, pois uma rua repleta de carros diante de um armazém «abandonado» seria um indicador inconfundível.

Estacionamos nas traseiras de um Mickey D's³ e caminhamos durante cerca de dez minutos através da cidade fantasma.

A Natalie deixa o lado direito do Damon e mete-se entre mim e ele, mas apenas para poder torturar-me antes de entrarmos.

— Muito bem — começa ela, como quem se prepara para debitar uma lista de recomendações e proibições. — Se alguém perguntar, estás solteira, certo? — Acena-me com a mão. — Nada das tretas que impingiste àquele tipo que tentou engatar-te no Office Depot.

— Que estava ela a fazer no Office Depot? — pergunta o Damon, rindo.

— Damon, o tipo estava *doido* por ela — diz a Natalie, sem prestar a mais pequena atenção ao facto de eu estar ali mesmo. — Quero dizer, ela só tinha de bater as pestanas uma vez para ele lhe comprar um carro. Sabes o que ela lhe disse?

Reviro os olhos e largo o braço dela.

— És uma parva, Nat. Não foi nada assim.

— Pois, miúda — diz o Damon. — Se o tipo trabalha no Office Depot, garanto-te que não vai comprar carros a ninguém.

A Natalie dá-lhe uma palmada brincalhona no ombro.

— Não disse que ele trabalhava lá. Seja como for, o tipo parecia filho de um romance entre... Adam Levine e... — gesticula com os dedos acima da cabeça, para permitir que outro exemplo famoso se materialize na sua língua — ...Jensen Ackles, mas aqui a senhora *Puritana* disse-lhe que era lésbica quando ele lhe pediu o número de telefone.

— Oh, cala-te, Nat! — intervenho, irritada com aqueles seus exageros doentios. — Ele *não* se parecia com nenhum desses dois. Não passava de um tipo vulgar que, por acaso, não era feio como uma noite de trovoadas.

Ela silencia-me com um gesto e vira-se de novo para o Damon.

— Seja como for. A questão é que ela mente para os afastar. Não duvido, nem por um momento, de que era bem capaz de dizer que sofre de clamídia e tem uma infestação descontrolada de chatos.

O Damon dá uma gargalhada.

³ Forma abreviada e popular de designar o McDonald's. (NT)

Paro no passeio escuro e cruzo os braços sobre o peito, mordendo a parte de dentro do meu lábio inferior, enervada.

A Natalie apercebe-se de que já não estou ao seu lado e corre para mim.

— Pronto! Pronto! Ouve, só não quero que estragues a tua própria vida, nada mais. Só estou a pedir que, se alguém que não seja um completo estafermo se ativar a ti, não o ponhas imediatamente a andar. Não há nada de errado em conversar e ficarem a conhecer-se um ao outro. Não te peço que vás para casa com ele.

Detesto-a por isto. Ela tinha jurado!

O Damon aproxima-se por trás dela e passa-lhe os braços em torno da cintura, esfregando-lhe a boca no pescoço. Ela contorce-se.

— Talvez devas deixá-la fazer o que entender, querida. Não sejas tão metediga.

— Obrigada, Damon — agradeço com um aceno rápido.

Ele pisca-me o olho.

A Natalie comprime os lábios e diz:

— Tens razão. — Depois levanta as mãos. — Não digo mais nada. Juro.

Pois, já ouvi isso antes...

— Ótimo — replico e recomeço a andar. As botas já estão a dar-me cabo dos pés.

O ogre postado à entrada do armazém inspeciona-nos, com os braços enormes a barrar a porta.

Estende a mão.

O rosto da Natalie contorce-se num esgar ofendido.

— O quê? Agora o Rob cobra a entrada?

O Damon enfia a mão no bolso de trás das calças e puxa da carteira, contando notas com os dedos.

— Vinte dólares por pessoa — diz o ogre com um grunhido.

— Vinte? Estás a gozar comigo? — guincha a Natalie.

O Damon afasta-a suavemente e bate três notas de vinte dólares na mão do ogre. Este mete o dinheiro no bolso e desvia-se para nos deixar passar. Entro primeiro e o Damon poussa a mão no fundo das costas da Natalie, conduzindo-a à sua frente.

Ela fita o ogre com desprezo ao passar.

— Provavelmente vai ficar com ele — comenta. — Vou perguntar ao Rob acerca disto.

— Anda daí — diz o Damon. Deslizamos pela porta e avançamos por um corredor comprido e insípido, iluminado por uma única luz fluorescente, até chegarmos ao elevador industrial que se encontra ao fundo.

A porta de grade fecha-se com um rangido metálico e descemos ruidosamente para a cave, muitos metros mais abaixo. É uma descida de apenas um piso, mas o elevador dá tantos solavancos que tenho a impressão de que vai partir-se a qualquer momento, atirando-nos para a morte. O trovejar sonoro de uma bateria e os gritos de estudantes universitários embriagados e, provavelmente, de uma quantidade de jovens que abandonou a escola, reverberam ao longo da cave, penetrando no poço do elevador, cada vez mais alto a cada palmo que baixamos em direção às entranhas do Underground. O elevador para com um ruído surdo e um novo ogre abre a porta de grade para nos deixar sair.

A Natalie esbarra nas minhas costas.

— Despacha-te! — exclama, dando-me um empurrão jocoso. — Acho que são os Four Collision quem está a tocar! — A sua voz eleva-se para se sobrepor à música, à medida que nos aproximamos da sala principal.

Ela pega na mão do Damon e depois tenta pegar na minha, mas eu sei o que ela quer e não estou disposta a meter-me no meio de um aglomerado de corpos suados e aos saltos, principalmente com aquelas estúpidas botas nos pés.

— Oh, anda *lá!* — insiste ela, quase numa súplica. Então o seu nariz torce-se num vinco ofendido, a sua mão fecha-se sobre a minha e arrasta-me para junto dela. — Deixa de ser criança! Se alguém te atirar ao chão, eu própria me encarrego de lhe dar uma tarefa, está bem?

O Damon sorri-me, postado ao lado dela.

— Muito bem! — cedo. Acompanho-os, com a Natalie quase a arrancar-me os dedos das articulações de tanto puxar.

Atacamos a pista de dança; a Natalie dedica algum tempo a fazer o que qualquer melhor amiga faz, ou seja, roçar-se em mim

para me fazer sentir integrada, e depois desliza em exclusivo para o mundo do Damon. Até podiam estar a ter relações ali mesmo, à frente de toda a gente, mas ninguém repara. Eu só noto porque devo ser a única rapariga ali presente que não está a fazer a mesma coisa com um namorado. Aproveito a oportunidade para me escapar da pista de dança e ir até ao bar.

— Que vai ser? — pergunta o tipo alto e louro atrás do balcão, enquanto me ponho em bicos de pés para me içar para um banco vazio.

— Rum e *Coca-Cola*.

Ele afasta-se para preparar a minha bebida.

— Forte, hein? — observa, enchendo o copo de gelo. — Vais mostrar-me um documento de identificação? — Arreganha os dentes num sorriso.

Fito-o, comprimindo os lábios:

— Sim, mostro-te a minha identificação quando me mostrares a tua licença de venda de bebidas alcoólicas. — Arreganho os dentes por minha vez e ele sorri.

Acaba de preparar a minha bebida e faz deslizar o copo na minha direção.

— Não costumo beber muito — confesso, bebericando um gole pela palhinha.

— Muito?

— Pois, bem, acho que preciso de ficar um bocadinho tocada esta noite. — Pouso o copo e brinco com a rodela de lima na borda do recipiente.

— Porquê? — pergunta ele, limpando o balcão com uma toalha de papel.

— Espera um segundo. — Espeto um dedo no ar. — Antes que fiques com uma impressão errada, não estou aqui para desabafar contigo. Tipo sessão de terapia com o *bartender*. — A Natalie já me proporciona toda a terapia que eu sou capaz de aguentar.

Ele ri e atira a toalha de papel algures para trás do bar.

— É bom saber, porque não sou do género de dar conselhos.

Bebo um novo gole, inclinando-me sobre o copo em vez de o erguer do balcão; o meu cabelo solto cai-me em redor do rosto.

Endireito-me de novo e prendo uma madeixa atrás da orelha. Detesto usar o cabelo solto; dá uma trabalheira.

— Bem, se tens mesmo de saber — declaro, fitando-o diretamente —, fui arrastada para aqui pela minha implacável melhor amiga, que era bem capaz de me pôr numa situação embaraçosa qualquer enquanto eu estivesse a dormir, fotografar-me e depois fazer chantagem se eu não viesse.

— Ah, ela é dessas — comenta ele, apoiando os braços no balcão e juntando as mãos. — Também já tive um amigo assim. Seis meses depois de a minha noiva me ter largado, arrastou-me para um clube nos arredores de Baltimore; por mim, só queria ficar em casa, a afundar-me na minha infelicidade, mas afinal tive de reconhecer que aquela noite era exatamente aquilo de que eu precisava.

Oh, lindo, este tipo julga que já me conhece ou, pelo menos, que sabe qual é a minha «situação». Mas não sabe absolutamente nada do assunto. Talvez tenha acertado na questão do mau ex-namorado — porque, mais tarde ou mais cedo, todos passamos por isso — mas o resto, o divórcio dos meus pais, a prisão do meu irmão mais velho, Cole, a morte do amor da minha vida... Não tenciono contar-lhe nada disso. O momento em que contamos os nossos problemas a alguém é o momento em que nos transformamos num lamechas e o violino mais pequeno do mundo começa a tocar. Todos passamos por dificuldades e sofrimento, e o meu sofrimento é um paraíso em comparação com o de muitas outras pessoas, pelo que não tenho o direito de me lastimar.

— Julgava que não eras do género de dar conselhos? — Dirijolhe um sorriso adocicado.

Ele afasta-se do balcão e responde:

— E não sou, mas se puderes tirar algum proveito da minha história, dá-te por agradecida.

Esboço um sorriso e finjo beber mais um gole. Na verdade não quero ficar tocada e muito menos embebedar-me, sobretudo porque tenho a impressão de que vou ser outra vez eu a conduzir no regresso a casa.

Numa tentativa de desviar as atenções de mim, apoio um cotovelo no balcão, descanso o queixo nos nós dos dedos e pergunto:

— Então o que aconteceu nessa noite?

O lado esquerdo da sua boca arqueia-se num sorriso e ele responde, sacudindo a cabeça loura:

— Dei uma queca pela primeira vez desde que ela me tinha deixado e lembrei-me de como sabia bem não estar preso a uma pessoa.

Não estava à espera de uma resposta daquelas. A maior parte dos homens que conheço teria mentido acerca da sua fobia aos relacionamentos, especialmente se estivessem a atirar-se a mim. Este tipo agrada-me. Só como pessoa, claro; não tenciono dobrar-me em duas por ele, como diria a Natalie.

— Estou a ver — comento, tentando conter a verdadeira medida do meu sorriso. — Bem, pelo menos és sincero.

— Não há outra maneira de ser — replica ele, pegando num copo vazio e começando a preparar um rum com *Coca-Cola* para si próprio. — Cheguei à conclusão de que, hoje em dia, a maioria das raparigas tem tanto medo de se comprometer como os homens e, se se for franco desde o princípio, temos mais possibilidades de sair da cena de uma só noite incólumes.

Faço um sinal afirmativo, apertando os dedos em torno da palhinha. Nunca o confessaria diante dele, mas estou inteiramente de acordo e até acho a sua atitude repousante. Nunca pensei muito no assunto, mas se é certo que não tenho o menor desejo de me meter num relacionamento sério, não é menos certo que continuo a ser humana e não me importaria de ter uma aventura de uma noite.

Mas não com ele. Nem com qualquer outro dos presentes ali no clube. Pronto, está bem, talvez seja demasiado covarde para ter uma aventura de uma noite e a bebida já começou a subir-me à cabeça. A verdade é que nunca fiz nada desse género e que, embora a ideia seja mais ou menos estimulante, é uma coisa que me mete um medo de morte. Só estive com dois homens em toda a minha vida: o Ian Walsh, o meu primeiro amor, que me tirou a virgindade e morreu num acidente rodoviário três meses depois, e o Christian Deering, o namorado a que me agarrei no ressalto do Ian e que revelou ser um cretino capaz de me enganar com uma pega ruiva qualquer.

Só me consola a ideia de que nunca lhe disse aquela palavrinha que começa por «a» e termina com «te», pois, quando ele ma dizia,

eu tinha sempre a impressão de que o homem não fazia a mínima ideia do que estava a falar.

Por outro lado, talvez até soubesse e tenha sido por isso que, ao fim de cinco meses de namoro, se pôs a andar com outra: porque eu nunca retribuía.

Olho para o *bartender* e reparo que está a sorrir para mim, esperando pacientemente que diga alguma coisa. Aquele tipo é bom; ou isso, ou está apenas a tentar mostrar-se amistoso. Admito que é engraçado. Não pode ter mais de vinte e cinco anos e tem olhos castanhos que sorriem antes ainda de o sorriso lhe chegar aos lábios. Noto como os seus bíceps e o seu peito são musculados sob a *T-shirt* justa. E tem a pele bronzeada; não há dúvida de que passou a maior parte da sua vida algures nas proximidades do mar.

Deixo de olhar quando me apercebo de que estou a divagar, a imaginar que aspeto terá ele em calções de banho e sem *T-shirt*.

— Chamo-me Blake — diz ele. — Sou o irmão do Rob.

Rob? Ab, sim, o dono do Underground.

Estendo-lhe a mão e ele aperta-a suavemente.

— Camryn.

Ouço a voz da Natalie sobrepondo-se à música antes ainda de a ver. Ela abre caminho por entre um cacho de gente que se apinha junto à pista de dança, empurrando para poder passar. Repara imediatamente no Blake e os seus olhos cintilam, o rosto ilumina-se com o seu sorriso rasgado e ostensivo. O Damon, que a segue segurando-lhe a mão na sua, também nota, mas limita-se a fitar-me com os olhos inexpressivos. Isso causa-me uma sensação estranhíssima, mas sacudo-a. A Natalie comprime o ombro contra o meu.

— Que estás a fazer aqui? — pergunta, num evidente tom de acusação. Sorri de orelha a orelha e o seu olhar salta várias vezes do Blake para mim antes de me dedicar toda a sua atenção.

— A tomar uma bebida — respondo. — Vieste buscar uma para ti, ou ver onde eu estava?

— Ambas as coisas! — diz ela, largando a mão do Damon. Tamborila com os dedos no balcão, sorrindo para o Blake. — Qualquer coisa com vodca.

O Blake faz um sinal de assentimento e olha para o Damon.

— Quero um rum com *Coca-Cola* — pede este.

A Natalie comprime os lábios contra o lado da minha cabeça. Sinto o calor da sua respiração na minha orelha, quando sussurra:

— Com os diabos, Cam! Sabes quem ele é?

Vejo a boca do Blake alongar-se num sorriso subtil. Ouviu-a.

Sinto as minhas faces corar de vergonha e respondo, também num sussurro:

— Sei, chama-se Blake.

— É o *irmão* do Rob! — diz ela num silvo, cravando os olhos nele.

Troco um olhar com o Damon, na esperança de que ele perceba a sugestão e a arraste dali para fora, mas desta vez ele finge não entender. Que é feito do Damon que eu conheço e que me proteje dos exageros da Natalie?

Oh, deve estar novamente zangado com ela. Só fica assim quando ela fala de mais, ou faz alguma coisa que ele não consegue deixar passar. Só cá chegámos há mais ou menos meia hora. Que pode ela ter feito em tão pouco tempo? Mas depois compreendo: é da Natalie que estamos a falar e se há alguém capaz de deixar um namorado furioso em menos de uma hora e sem sequer dar por isso, é ela.

Deslizo do banco e pego no braço dela, puxando-a para longe do bar. O Damon, que deve ter percebido o meu plano, deixa-se ficar com o Blake.

A música parece ficar ainda mais alta, quando a banda termina uma canção e começa a tocar a seguinte.

— Que fizeste tu? — pergunto, fazendo-a virar-se para mim.

— Que queres dizer com isso? — Ela mal me presta atenção; o seu corpo move-se ligeiramente, ao ritmo da música.

— Nat, estou a falar a sério.

Por fim, ela para e encara-me, estudando o meu rosto em busca de respostas.

— Para irritar o Damon — explico. — Ele estava bem-disposto quando chegámos.

Ela lança um olhar breve ao Damon, que está de pé junto ao bar, a bebericar a sua bebida, depois fita-me com uma expressão confusa.

— Acho que não fiz nada... creio que não. — Põe os olhos em alvo, como que perdida em pensamentos, tentando recordar o que pode ter dito ou feito. Depois apoia as mãos nas ancas: — Que te leva a crer que ele está irritado?

— Está com ar disso — respondo, relanceando os olhos por ele e pelo Blake — e detesto quando vocês discutem, sobretudo quando tenho de passar a noite agarrada aos dois, a ouvir-vos descompor-se um ao outro por causa de uma estupidez qualquer que aconteceu há um ano.

O semblante confuso da Natalie transforma-se num sorriso perverso:

— Pois eu acho que estás paranoica e talvez só queiras distrair-me para que não diga nada acerca de ti e do Blake. — Afivela a sua expressão brincalhona. Detesto aquilo.

Reviro os olhos:

— Não há «eu e o Blake», estamos apenas a conversar.

— Conversar é o primeiro passo. Sorrir para ele — o seu sorriso acentua-se —, como eu vi muito bem que estavas a fazer quando me aproximei, é o passo seguinte. — Cruza os braços e espeta a anca. — Aposto que já tiveste uma conversa com ele sem que ele te tivesse de arrancar as respostas a ferros. Raios, até já sabes o seu nome.

— Para alguém que quer que eu me divirta e conheça homens, não sabes calar-te quando as coisas parecem estar a correr-te de feição.

Ela deixa que a música volte a ditar os seus movimentos, erguendo as mãos um pouco acima da cabeça e rodando as ancas sedutoramente. Eu fico quieta.

— Não vai acontecer nada — afirmo severamente. — Conseguiste o que querias, estou a falar com uma pessoa e não tenciono dizer-lhe que sofro de clamídia, portanto não faças cenas.

Ela cede, com um suspiro profundo, e para de dançar o tempo suficiente para dizer:

— Suponho que tens razão. Vou deixar-te com ele, mas se ele te levar ao andar do Rob, quero detalhes. — Aponta-me um dedo firme, com um olho meio fechado e os lábios comprimidos.

— Está bem — respondo, só para me livrar dela. — Mas é melhor esperares sentada, porque isso *não* vai acontecer.